



CURSO DE ARQUEOLOGIA DA FURG: “O PONTAPÉ INICIAL DA COISA TODA”

Entrevista de Fabrício Bernardes¹ com o Professor José Carlos Ruivo²

ENTREVISTA

Conheci o professor José Carlos Vieira Ruivo, ainda durante minha graduação, quando fui seu aluno na FURG. Anos depois, em 2017, quando já cursava o mestrado no MAE-USP, precisei reunir informações sobre pesquisas arqueológicas realizadas na cidade de Rio Grande — e imediatamente pensei nele. Eu sabia que ele poderia me ajudar nesta tarefa pelo fato de ter fundado o LEPAN. Foi por meio da colega Ingrid Santana que retomei o contato, esperando encontrar respostas sobre sítios citados na bibliografia. Mas, para minha surpresa, encontrei muito mais.

O professor Ruivo é natural de Rio Grande e lecionou na FURG entre as décadas de 1970 e 2010. Seu interesse precoce por arqueologia e antropologia fez com que sua trajetória se entrelaçasse com importantes eventos do século XX, que ajudaram a moldar os rumos da pesquisa arqueológica na região sul do Brasil. Entre suas contribuições mais significativas está a fundação do LEPAN, em 1983, e sua dissertação de mestrado, que trata das pesquisas pioneiras conduzidas pelo Grupo Excursionista Rondon nas décadas de 1940 e 1950.

Antes da entrevista transcrita a seguir, tivemos algumas conversas informais onde ele compartilhou sua trajetória profissional. Esses encontros originaram as perguntas que estruturam a entrevista e guiaram minhas intervenções. À época, eu ainda não conhecia sua dissertação nem os trabalhos do Grupo Rondon — o que faz da entrevista, também, o registro do meu próprio processo de descoberta e aprendizado.

Nos próximos números da Revista Arché, serão publicados textos fornecidos por ele no momento da entrevista, junto com o acervo fotográfico. Esses materiais, até então acessíveis apenas como relatórios internos, circulavam em cópias limitadas e de difícil acesso. Agora,

¹ Mestre em Arqueologia pela Universidade Federal de Pelotas e Graduado em Arqueologia pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG). E-mail: fbernardes.dev@gmail.com.

² Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Licenciado em História pela FURG, foi fundador do LEPAN, um dos responsáveis pela criação do curso de Arqueologia e professor de vários cursos da FURG.

ganham nova visibilidade, como parte desse esforço de resgate e valorização da memória de um contexto de pesquisas ainda pouco explorado.

Foto 1, 2 e 3 – Projetos em que o Professor Ruivo participou



Fonte – Acervo do Prof. Ruivo

ENTREVISTA

1. Como ocorreu o seu ingresso na carreira acadêmica?

José Carlos Ruivo: Na época, eu estava fazendo vestibular para Medicina. Era a minha primeira opção, moda na época. E a minha segunda opção era *História*. Eu acabei com a *História* — que era uma paixão antiga —, me fascinando com as sequências, com os relatos, enfim, com o pensamento histórico. E, quando eu concluí, ocorreu que havia necessidade de professores, até porque a professora que lecionava Antropologia — que era considerada uma disciplina desafiadora pelos colegas — passou a ter problemas de coluna. Ela morava em Pelotas e vinha com frequência. Aí, o médico a proibiu de fazer as viagens e eu, naquele momento, tinha retornado da USP. Eu vivi uma experiência de um ano na USP, como estudante na *Pós-Graduação em Antropologia*, mas eu tive conflitos com a minha orientadora. E esses

conflitos chegaram a um impasse em que não foi mais possível continuar. E, ao retornar para cá, eu tinha estabelecido um vínculo com a Universidade e, na ausência de qualquer pessoa que pudesse lecionar *Antropologia*, eu assumi; e, também, *História da África*. Basicamente, foram estas duas disciplinas que eu comecei a lecionar.

2. *Em que ano ocorreu a abertura da disciplina de Antropologia na FURG? Na UFRGS, começou a existir depois de 1945... um marco da Antropologia no Rio Grande do Sul.*

José Carlos Ruivo: Eu nunca fiz essa pesquisa para saber, na FURG. O que eu sei é que havia um professor, chamado Wander Valente, que já havia lecionado; ele era geógrafo, formado em Geografia, e havia lecionado Antropologia. Depois eu fui descobrir, era uma pessoa extremamente vinculada ao professor Guilherme Naue. Era um apaixonado pelas pesquisas arqueológicas. Eu só fui descobrir isso através da *Revista Ipiranga*, onde aparecia as fotos dele, junto com o Naue. Deveria ter uma outra pessoa, que fotografava a ambos, não é? E o professor Wander Valente teria lecionado Antropologia, mas aí essa professora assumiu, e ele foi retirado.

Quando ela se mostrou impossibilitada de continuar, o professor se recusou, porque ele achou que tinha sido desprezado. E aí, então, criou-se um vácuo e ninguém se sentia disposto. E eu estava chegando com uma experiência, mesmo que precária da USP. Acabei me enveredando pela Antropologia. Eu acredito que a Antropologia tenha se desenvolvido em Rio Grande desde antes de 1980, como disciplina de sala de aula, nos cursos de Estudos Sociais, Geografia e História. Em 1979, eu estava dentro da FURG e, a partir daí, comecei a lecionar uma série de disciplinas, como História Geral, em vários cursos, como de Geografia, História Econômica... Mas, o meu sonho era, efetivamente, me voltar para aquilo que na época, nós conhecíamos por Pré-História.

Então, eu tinha esse fascínio, só que, quando eu fui pra USP, eu não sabia que tinha um Instituto de Pré-História. Se eu tivesse me vinculado, parece que as coisas teriam sido bem mais fáceis, do que a trajetória pela Antropologia. Mas, mal ou bem, foi na Antropologia que eu consegui me enraizar.

Então, eu tinha sido muito sensibilizado pela História da Antropologia, através de uma disciplina que eu tinha feito com a professora Tecla Hartmann. A professora dava um histórico da Antropologia e mostrava a figura de Franz Boas, como uma pessoa que ia à campo, que criou espaços de pesquisa... Era algo, assim, que me fascinava. Então, logo que pude, em 1981, eu sensibilizei os estudantes que eles têm que fazer pesquisa de campo. Eles ficaram muito interessados e eu montei um curso de Pesquisa de Campo em Antropologia. Era um cursinho rápido que eu dava — no turno na manhã; as aulas funcionavam no turno da tarde, por sete dias. E aí, então, a gente ia para campo, na Ilha dos Marinheiros. Funcionou durante três anos. Foi uma experiência muito enriquecedora.

Então, eu tinha aquele desejo de ir pra campo. Coincide que em 1982, a filha do professor Mentz Ribeiro veio estudar Enfermagem aqui em Rio Grande. E ele chega para passar as férias com a filha, entra em contato com a Universidade e oferece um curso de Introdução à Arqueologia. Este curso de Introdução à Arqueologia, dado pelo professor Mentz Ribeiro, é *o pontapé inicial da coisa toda*. É verdade que havíamos sido sensibilizados pelo professor Guilherme Naue, no Colégio São Francisco, onde ele mantinha um laboratório. Todo este

material foi, depois, levado para a PUC. Então, lá, a gente via as coisas acontecendo. Por algum motivo, eu nunca fui convidado, eu nunca me envolvi com as pesquisas de campo do professor Guilherme Naue. Mas, a paixão que ele tinha, o fascínio, era algo que, com certeza, seduziu a todos nós.

3. *E tu tens ideia de desde quando existia esse laboratório no Colégio São Francisco?*

José Carlos Ruivo: Eu não tenho clareza, mas eu afirmaria que é final dos anos 1960. Ele fazia suas pesquisas no final de semana. Ele trabalhava, durante a semana, como professor e, no final de semana, ele ia sozinho [...]. Mais adiante, ele conquistou alguns estudantes, que o acompanhavam. Mas, era um trabalho muito difícil [...]. Em 1983, eu resolvo consolidar o segundo curso de Introdução à Arqueologia, dado pelo professor Mentz Ribeiro, e aí então eu dou origem àquilo que a gente chamou de *Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia* (LEPAN), e depois o professor Mentz Ribeiro acrescentou “e Arqueologia”. Então, em 1983, a gente começa a dar um curso de Introdução à Arqueologia; nós dávamos no primeiro semestre, e no segundo semestre, nós dávamos Introdução à Pesquisa de Campo em Antropologia.

4. *Alunos de que cursos faziam essas disciplinas no LEPAN?*

José Carlos Ruivo: Nós lecionávamos, nessa época, para a Geografia, e para a História. E o curioso é que a maioria dos estudantes, eu diria, 90% dos estudantes era aluno da Geografia. Era uma coisa muito interessante. Eu não conseguia atrair os estudantes da História. Eu achava que faltava uma disciplina que, mais adiante, 1991-1992, se chama Introdução à Arqueologia e, em seguida, uma disciplina semestral, que foi lecionada por mim; depois, Introdução à Pré-História.

5. *Qual foi o tema que você pesquisou durante esses períodos iniciais da sua vida acadêmica?*

José Carlos Ruivo: Em princípio, eu nem posso dizer que a gente fazia pesquisa, na perspectiva que se tem atualmente. O que a gente fazia, na realidade, era tentar fazer com que os estudantes tomassem um contato com o mundo do campo, com os fenômenos humanos, ao vivo? No caso da Antropologia, entrevistando camponeses, e aí então, eles faziam um pequeno relatório, e me entregavam, como conclusão dessa experiência de campo. A gente ensinava como montar essa “pequena monografia”.

6. *Durante o período que tu passou na USP, fazendo o seu mestrado lá, foi definido algum tema de pesquisa?*

José Carlos Ruivo: Na USP, eu não cheguei a trabalhar, não. Na USP, a coisa ficou, assim, muito ampla; eu me fascinei, não é? Eu fui frequentar disciplinas com o professor Lux Vidal, que me apresentou a *Etnologia Brasileira*; fiquei fascinado, assisti palestras do professor Egon Schaden, porque a perspectiva de *Antropologia* que eu tinha aqui era muito limitada, extremamente limitada. A bibliografia era extremamente limitada; eu inclusive não tinha uma

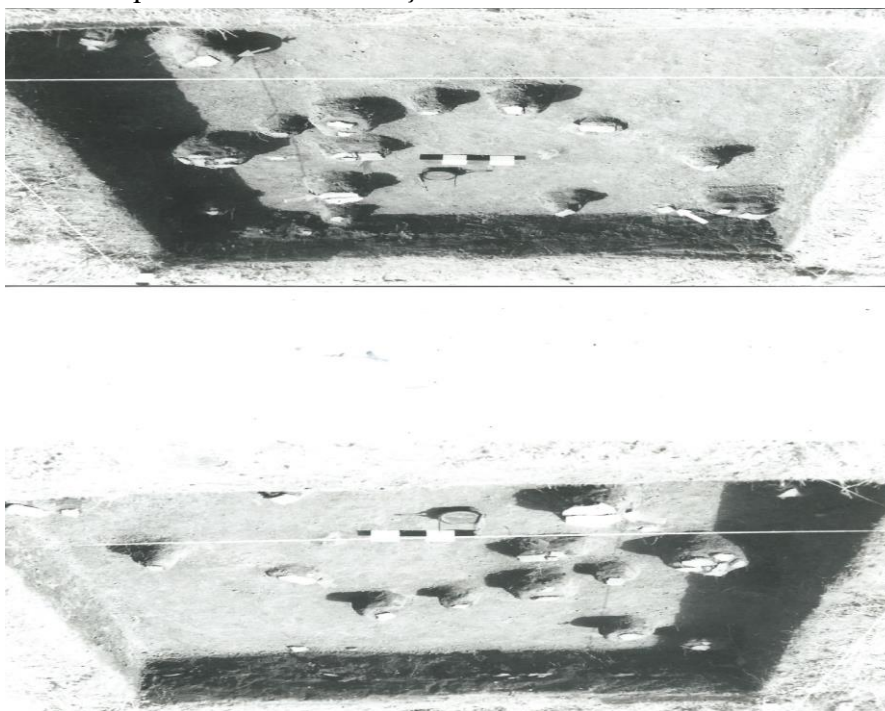
noção clara do que era *Antropologia*. Eu só sabia, eu tinha consciência de que a *Arqueologia* deveria fazer parte da *Antropologia*. Por isso que eu me dirigi para a *Antropologia* na USP, na expectativa de, lá, poder me voltar para a *Arqueologia*, como uma subárea, do grande horizonte que era, para mim, a *Antropologia*.

Em 1983, então, num primeiro semestre, damos início ao curso de *Introdução à Arqueologia*. Convidamos alguns colegas, inclusive que conhecemos numa pesquisa de campo em Itapeva, como a professora Beatriz Thiesen. Havia outros colegas de Porto Alegre, que eu não recordo, agora, os nomes. Mas, então, ali nós fizemos [...] e iniciamos o trabalho de pesquisa, digamos, formal.

Com o professor Mentz Ribeiro, nós tivemos a oportunidade de iniciar coletas superficiais, nas *Areias Gordas*, em São José do Norte [...]; hoje é um bairro, as casas arruadas ..., enfim, não tem absolutamente nada. As imagens que ficaram no LEPAN, que a gente sempre deixava esse material, como parte do acervo, eram dunas, quem sabe perto de uma dezena de metros de altura, onduladas, e aquele material espalhado. A gente encontrava uma ou outra concentração, na medida que o vento e a chuva iam expondo. Chegamos a ir umas duas vezes lá. Era uma verdadeira aventura. Tínhamos que pegar o barco da FURG, um barco a motor, uma lancha e ir até lá. Demorava mais de uma hora e a gente ficava lá, mais ou menos, umas duas ou três horas, e aí retornávamos, geralmente, à tarde. Era realmente uma grande aventura, os estudantes adoravam essas minhas saídas de campo.

Depois, a gente fez na Ilha dos Marinheiros. A ideia foi se concentrar num local, para tentar fazer “um sítio-escola”, aprofundado, para adquirir domínio da prática Arqueológica. E essa prática Arqueológica em que a gente se amparava, estava apoiada no *Manual de Introdução à Arqueologia* do professor Mentz Ribeiro. Ali tinha toda uma sequência metodológica, que havia sido esplanada por ele, nos dois cursos de *Introdução à Arqueologia*. Então, isso serviu de base.

Foto 4 – quadrículas de escavação



Fonte: acervo do Prof. Ruivo

Com relação à bibliografia, a gente tinha uma prática. Dada a carência de livros e fontes bibliográficas, eu peguei um hábito: toda vez que eu pegava um livro bom de Antropologia, ou de Arqueologia, a primeira coisa que eu ia ver, mesmo não tendo conhecimento da produção desses autores, era a bibliografia. Eu lia toda a bibliografia. E, na medida em que eu ia lendo, desse e daquele outro livro, começava a ficar, como se fosse um resíduo na minha cabeça, de certos autores que se repetiam. Na medida do possível, quando eu fazia uma viagem, eu destinava um turno — uma manhã, ou uma tarde —, para ir numa boa livraria. Eu perguntava para os professores. Fiz isso em Curitiba, no Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre. Eu ia para as livrarias, ficava duas, três horas, lá, olhando lombadas de livros. E, conforme eu me interessava, ia puxando essas lombadas e, no final, eu via o que estava dentro do meu bolso adquirir. O que eu não podia, anotava, junto com o nome da pessoa, o atendente, telefone, e aí, durante o ano, eu ia me comunicando e ia trazendo bibliografias. Isso me permitiu, inclusive, começar a entrar em contato com bibliografias que eram editadas em Portugal, Espanha, México... porque era um material que eu poderia utilizar com os meus estudantes, em sala de aula. Então, era um processo muito demorado; às vezes eu levava seis meses, quase um ano, mandando perguntar se estava disponível. Eles levavam mais três a seis meses para me dar a resposta, enfim, mas assim a gente começou a reunir alguma bibliografia.

No caso específico da bibliografia sobre *Arqueologia*, a gente começou desta maneira, mas, naturalmente, quando eu ia fazer visita aos colegas, ao professor Igor Chmyz, ao padre Schmitz, e aos colegas que se reuniam [...], porque também coincidiu por essa época um evento que o padre Schmitz promovia: ele reunia professores de Antropologia, das mais diversas Universidades do Rio Grande do Sul, lá na UNISINOS. E lá, eu passei a tomar contato com esse pessoal.

7. Esse mesmo grupo de professores acabou dando início à criação da SAB na década de 1980, não foi?

José Carlos Ruivo: É possível. Eu não recorro dos nomes deles, mas, de qualquer forma, ali a gente começou a “trocar figurinhas” e começamos a reunir bibliografia. O professor Guilherme Naue foi muito importante. Ele, uma pessoa extremamente atenciosa, permitiu tirar xérox de materiais, principalmente as publicações dele. Depois, ter acesso ao material do padre Schmitz, a tese e artigos que eram publicados. Então, isso foi nos dando alguma base.

8. O que você sabe sobre pesquisas arqueológicas desenvolvidas na cidade de Rio Grande, em um período anterior às pesquisas desenvolvidas pelo PRONAPA?

José Carlos Ruivo: Na década de 1930 — isso inclusive serviu de fonte, para que eu pudesse redigir a minha dissertação de mestrado, defendida aqui na FURG no curso de Educação Ambiental, em 2003. Foi quando eu concluí, mas eu comecei, se não me engano, em 1996 ou 1997. Naquela época, havia essa possibilidade de alongar as coisas. E foi, inclusive, um momento bem exigente para nós. Mas, de qualquer forma, eu tinha um certo fascínio com a questão ambiental e a Arqueologia. Mas eu tive a oportunidade de entrevistar o professor Oscar

Sérgio Pernigotti e outros professores. Esta entrevista, inclusive, consta como anexo na minha dissertação de mestrado.

Na entrevista, os professores Pernigotti e Copstein, na época professor de Geografia da UFRGS, me mostraram que, quando jovens, adolescentes, no final dos anos 1930, tinham feito as primeiras coletas, pesquisas arqueológicas. E isso para mim, foi algo muito surpreendente. Eles fundaram um grupo chamado “Grupo de Excursionistas Rondon”. Segundo eles, o [Marechal] Rondon fazia pesquisas, tomando contato com índios, e isso fazia parte da literatura, da imprensa, eles, como jovens, eles diziam [...] “vamos caçar, pesquisar os índios daqui”. E, aí, foram atrás dos vestígios de índios. Eles relatam que havia pessoas, adultos, que tentavam sensibilizar as crianças, para aquilo que eles chamavam de “panela de índio”. E estes jovens, que pertenciam a famílias economicamente bem situadas, tiveram acesso inclusive a livros que existiam na *Biblioteca Riograndense*, que eram emprestados a eles. E, com isso, começaram a reunir materiais, envolvendo aquilo que é chamado por eles de “Forte Sant’Ana”³. Somente uma outra escavação poderia revelar alguma coisa — ali havia uma grande concentração de cerâmica e, provavelmente, outros vestígios. Não sei que tipo de vestígios teria ficado ali próximo ao pórtico de entrada de Rio Grande. Aparece no texto “Depósitos Arqueológicos do Município do Rio Grande”, de Oscar Pernigotti e Áureo Almeida, que fez uma planta.

O Oscar Sérgio Pernigotti tinha um sonho de ser arqueólogo [...] nunca foi. Foi médico, mas sempre teve aquele desejo de ler, de se instruir. Foi isso que motivou ele a redigir esses trabalhos como *O Sítio Arqueológico da Hidráulica* e a *Povoação de Sant’Ana do Estreito*, que era uma população próxima àquilo que hoje realmente teria sido a defesa. Uma “taipa”, como a História mesmo relata. Esse pessoal, no final dos anos 1930 começou a recolher esses materiais e, nos anos 1950, eles estão tão interessados, que alguns já estão naquela fase de sair da cidade, para buscar a formação fora. Vão esquecendo, abandonando e resta, na época o Áureo Almeida, que toma contato com o professor José Proença Brochado.

O Brochado estava fascinado, na época, com Arqueologia Egípcia, e o Áureo Almeida diz pra ele: “larga mão disso”! “Vou te mostrar, nós temos índios e vestígios em Rio Grande”, e isso faz com que o Brochado fique seduzido e vá, mais adiante, fazer o curso de História e, como nós estávamos comentando anteriormente, ele faz esse, acho, primeiro trabalho, *Arqueologia Descritiva das Jazidas Paleoetnográficas da Região Sul*, aonde ele mostra já o fôlego que ele vai desenvolver mais adiante. Isso na década de 1950, início dos 1960. Esse material que foi recolhido, eu não saberia te dizer onde ele ficou reunido. Quem sabe, a leitura desses materiais do Oscar Pernigotti e do Áureo Almeida, dê alguma sugestão. [...] Esse pessoal dos anos 1930 e 1940, ouviram falar que passou por Rio Grande, nos anos 1920, o Antônio Serrano. Ele teria feito pesquisas na nossa região e teria feito algum tipo de publicação, que identificaria, a partir dos vestígios, que populações indígenas sobreviveram, viveram em períodos recuados, aqui na cidade de Rio Grande. Já em meados da década de 1960, para o final, o professor Guilherme Naue, que havia sido sensibilizado pelo professor Pedro Ignácio Schmitz, vem pra cá e, no Colégio São Francisco, ele começa a reunir material arqueológico.
[...]

³ Próximo à Hidráulica – hoje um bairro, completamente ocupado por casas.

O professor Guilherme Naue, então, nos anos 1960 pretende aplicar aquilo que era conhecido como a metodologia do PRONAPA nas pesquisas que ele faz aqui na região. Pesquisas, por vezes, solitárias, por vezes acompanhadas. Tem algum registro desse trabalho do professor Guilherme Naue, inclusive com imagens, na *Revista Ipiranga*, publicada pela própria Refinaria Ipiranga.

9. *Você teve alguma relação com as pesquisas ou com os pesquisadores vinculadas ao PRONAPA? Se sim, como que ocorreu esta relação?*

José Carlos Ruivo: Sim. Até então, eu não tinha conhecimento que a metodologia que o professor Mentz Ribeiro trouxe para nós nos cursos de Introdução à Arqueologia I e II, era a metodologia do PRONAPA. Como a gente não tinha nenhuma perspectiva anterior, naturalmente, a gente adotou, como se fosse “a metodologia”, que era a utilização de quadrículas de metro e meio por metro e meio e níveis artificiais de 10 centímetros [...].

10. *Você chegou a ter contato com as obras da Betty Meggers, como o livro de “Como Interpretar Imagens de Cerâmica”, que circulou muito nessa época e marcou as ideias do PRONAPA, que sintetizou a metodologia de como trabalhar com cerâmica?*

José Carlos Ruivo: Eu não tive. Inclusive, sugiro que veja a tese de doutorado do professor Mentz Ribeiro. Parece que ele fez essa síntese.

11. *Se discute muito a ideia de que ocorreu uma variação regional do PRONAPA aqui em Rio Grande. Dentre os pesquisadores que você citou, apenas o Brochado⁴ foi diretamente vinculado ao PRONAPA. Além dele, também trabalhou no Rio Grande do Sul pelo PRONAPA, o Eurico Miller⁵. Estes outros pesquisadores, o Schmitz, o Naue, e você, ninguém trabalhou com a metodologia do PRONAPA?*

José Carlos Ruivo: Eu, efetivamente, não tive contato, exceto através do professor Mentz Ribeiro, que se remetia muito à Betty Meggers, com quem ele tinha até uma relação pessoal. O casal Betty Megers e Clifford Evans teria recomendado que se “apagasse” a ideia da *História Etnográfica*, e que se “passasse a régua”, começando do zero, de maneira que as culturas, no sentido de vestígios materiais, receberiam o nome vinculado à geografia, e toda a pesquisa era desenvolvida, com coleta superficial, poucos testes, níveis artificiais de 10 centímetros, enfim, um material que, de alguma forma, a gente pretendeu reproduzir na própria FURG. Esse foi o nosso contato, digamos assim, com o PRONAPA. Nunca tomei contato com a bibliografia e o próprio nome foi uma certa surpresa, porque eu, realmente, desconhecia, mas acredito que a metodologia que o professor Mentz Ribeiro utilizava era a metodologia, senão edificada, uma versão, do PRONAPA.

⁴ Brochado trabalhou em Rio Grande bastante tempo e teve uma perspectiva mais ampla, trabalhando em algumas regiões mais no centro do Estado, inclusive junto com o Schmitz, de quem foi aluno.

⁵ Faleceu em 2018. Após o PRONAPA continuou trabalhando no norte do Estado em Taquara e São Francisco de Paula.

12. Em 1981 foram as primeiras pesquisas que tu fez com ele e as pesquisas em Rio Grande, vinculadas ao PRONAPA finalizaram por volta de 1976, marco deste período final, que foi quando ocorreu a publicação da tese de livre docência do Padre Schmitz. Como foram os primeiros anos de sua vinculação como professor da FURG?

José Carlos Ruivo: Quando eu comecei a trabalhar na FURG, as aulas eram de “cuspe e giz” — o professor escrevia o que ele sabia no quadro. A gente não tomava contato com literatura, bibliografia. A experiência que eu tinha tido na USP, eu não podia ignorar. Então, eu “forcei a barra”, junto com uma colega, que tinha chegado há pouco tempo do Rio de Janeiro — Maria Luiza Queiroz. Nós resolvemos — a partir, também, da experiência dela — lidar com xérox, com leitura de textos em sala de aula. Então, saía da questão do “cuspe e giz”, e passava a ser um debate sobre aquilo que a gente lia; Introduzimos, assim, uma nova metodologia e isso eu expandi para todos os cursos aonde eu lecionava - Geografia, História e quase cheguei a lecionar no curso de Economia nessa época, envolvendo Antropologia e História Econômica. Especificamente, quando a gente pensa na questão da pesquisa — eu não sei se isso ficou bem claro —, o trabalho que a gente desenvolvia era como se fosse uma *extensão*, no sentido de os estudantes terem contato com a comunidade, poderem ouvi-la, colocar o conhecimento teórico na prática e a produção de um relatório final. Inicialmente, a gente investiu muito no trabalho de pesquisa etnográfica, que se encerrou em 1983. Nós não tínhamos mais condições de ir adiante, porque ocorreu uma série de situações: os estudantes ficaram fascinados e nas férias, juntavam turmas para ir para lá, e começaram a causar tumulto na vida dos agricultores da Ilha dos Marinheiros: andavam pelados, tomavam “trago”, e aí eu percebi que eu estava criando mais problemas do que respostas. Daí, eu interrompi esse trabalho de campo e, naturalmente, passei a investir mais folego na Arqueologia.

13. As pesquisas etnográficas foram na Ilha dos Marinheiros ou teve mais algum outro lugar? Envolvia agricultores e pescadores, também?

José Carlos Ruivo: Essencialmente, na Ilha dos Marinheiros. Como a Ilha é muito grande, mais de uma dezena de quilômetros, então, primeiro, a gente começou a fazer entrevistas; geralmente colocava um casal de estudantes numa área de cinco quilômetros. Nós tínhamos em torno de dez estudantes, então ficava uma área bem ampla e, ali, eles entrevistavam a população. Começamos por “Bandeirinhas”, depois “Porto do Rei”, até “Marambaia”, depois de “Marambaia” até aquilo que se chamava “a outra costa”, também conhecida como “Coreia”. Nunca chagamos aos “fundos” da Ilha, porque a coisa estava muito tumultuada e eu interrompi. E aí, a partir desse momento, de 1983 em diante, a gente começa a investir no LEPAN, no sentido de levar os estudantes à campo, inclusive, sempre que havia algum tipo de atividade envolvendo a Arqueologia, a gente, se podia, levava os estudantes também, para acompanhar. Então, foi um momento, assim, muito rico; os estudantes adoravam o campo. Era como se fosse o DCE deles. Eles ocupavam aquilo, as vezes parecia que era mais deles, porque eu vivia muito envolvido com sala de aula, com leituras. A cada sábado, de manhã, nós tínhamos um estudante que apresentava uma leitura de um texto, envolvendo a Arqueologia. Então, a gente reunia todo o pessoal, em torno de quase dez pessoas. Nem todos frequentavam. A gente debatia e refletia para poder desenvolver o conhecimento comum sobre a bibliografia, sobre o domínio da prática

arqueológica. Era uma coisa muito rica. Essencialmente, nós não chegamos a fazer uma nova pesquisa, não houve um Relatório de Pesquisa. Houve coleta de material e, na medida em que a gente ia avançando, a gente pretendia dominar toda aquela sequência proposta pelo professor Mentz Ribeiro, que envolveria a análise de laboratório. Eu não tinha esse conhecimento. E, nas primeiras tentativas de dominar a interpretação da cerâmica e as mais diversas análises que eram possíveis, infelizmente, eu não encontrei mais a disponibilidade, fosse do Naue, fosse do professor Mentz Ribeiro e aí coincidiu também com um período muito difícil da minha vida. Perdi um familiar e, então, fui fazer o Mestrado em Antropologia na UFRGS. Concluindo a parte teórica, voltamos para cá, pretendendo reativar o LEPAN, sob a nossa orientação. Outros colegas o mantiveram [...] continuaram as pesquisas aqui.

Nesse meu retorno, ocorre inclusive um fato na época, que foi muito impactante. A Prefeitura começa a cortar, a retirar a areia das dunas para aterro, e essas dunas, bem na frente da saída da FURG, na estrada Rio Grande – Cassino, onde se instalou um moinho. Os estudantes viram que ali tinha material arqueológico e interromperam a estrada. Coincidiu que o Prefeito estava passando; teve conflito com o carro do Prefeito [...]; quase deu crônica policial. O fato é que, a partir daí, a gente começa, inclusive, a produzir um relato, como consultor da Polícia Federal, tentando apresentar um cenário da Arqueologia específica, envolvendo o caso do conflito jurídico, quase policial, do Moinhos Pereirinha.

Quando eu começo a tentar desenvolver pesquisas envolvendo sítios em torno da *Barra Falsa*, eu recebo um aviso do Patrimônio Histórico que eu precisaria ter uma formação específica, e também desenvolver projetos, que fossem de conhecimento do Patrimônio Histórico do Rio Grande do Sul, e aí então é que a gente se volta para fazer o curso de Arqueologia, que estava começando uma especialização na PUC.

14. Tu fez esse curso de Especialização em Arqueologia? Quando teve início?

José Carlos Ruivo: Fiz. Só que ocorre uma coisa: acidentes da vida. Sofri um acidente, que fraturei costelas, o cóccix; isso tornou impossível continuar as viagens. Começou em 1991. E aí então, eu não tinha mais condições de viajar, nem de desenvolver pesquisas. Eu passei, praticamente, dois anos enfrentando problemas, até a consolidação definitiva, e eu me sentir bem. E, preocupado com isso, eu fiquei sabendo que o professor Mentz Ribeiro havia se aposentado em Santa Cruz do Sul. Então, ele veio para cá e a presença dele, naturalmente me deixou muito feliz, porque eu não tinha mais condições de levar adiante, e a gente conhecia a competência dele. E ele trouxe toda o seu domínio da Arqueologia e coincide, inclusive, que quando ele está dirigindo o LEPAN, ele chega a ser o Presidente da SAB. Estava projetando aquilo que se tinha de Arqueologia no Rio Grande do Sul e em Rio Grande, em nível nacional. Então, nós ficamos muito felizes. Mais adiante, é que quando o professor Mentz Ribeiro pretende se aposentar, é feita uma chamada e aberta a possibilidade de professor substituto. A professora Beatriz acaba vindo para a FURG. Isso foi um encontro muito feliz, porque ela, mais adiante, é quem vai dar seguimento ao próprio LEPAN. Que, diga-se de passagem, lá em 1981, 1982, eu não recorro exatamente, a professora Beatriz Thiesen participou da primeira pesquisa que a gente faz, formal, com estudantes, já no curso de Introdução à Arqueologia que a FURG oferecia, como disciplina da Graduação no curso de História.

15 Embora já tenha sido falado sobre o momento da criação do LEPAN, em que contexto de debates, apareceu a ideia de sua criação, quais foram as pessoas envolvidas nesse processo, e de que maneira essas coisas contribuíram para sua criação?

José Carlos Ruivo: Basicamente, sou eu quem polarizo o grupo de estudantes, pelo fato de, entrando em contato com a direção do Departamento de Biblioteconomia e História, a gente solicita a aquisição de alguns materiais, e há uma grande sensibilidade, fosse pela simpatia do professor Mentz Ribeiro, fosse pelos vestígios que a gente trouxe. Havia sempre um grande impacto, porque as pessoas ignoravam essa riqueza arqueológica que o município tinha. Elas trabalhavam com outras áreas do conhecimento, da História, e isso toca, choca, chama a atenção. A partir desse momento, a Universidade investe, adquire equipamentos, para que a gente pudesse fazer o trabalho de campo, desde barracas, níveis, microscópio, uma série de coisas, enfim, que se pretendia utilizar na pesquisa, na montagem do LEPAN.

O LEPAN, portanto, é o resultado — insistindo — do professor Mentz Ribeiro, da minha intenção, de reunir estudantes, pra ter um exercício das teorias que a gente apresentava em sala de aula. E isto gera uma fermentação, uma efervescência muito grande que, aos poucos, foi repercutindo.

16. Em relação à parte institucional da FURG, foi fácil a criação do laboratório? Teve resistência?

José Carlos Ruivo: Isso é uma coisa surpreendente. Como a gente havia lembrado, há uma grande sensibilidade. A gente, na medida que consegue reunir esse material, convidava os professores, a direção do antigo Departamento de Biblioteconomia e História, que era dirigido, predominantemente, por professores da História e, então, havia uma certa facilidade das solicitações. A gente teve uma preocupação, muito pontual no seguinte aspecto: nós sabíamos que era muito difícil desenvolver pesquisa na FURG. Por quê? Não havia um grande domínio sobre a produção de projetos, não havia um grande domínio, de maneiras que a gente pudesse ter uma clareza muito grande do que realizar, era uma coisa muito inicial. E, preocupado com a manutenção, os recursos do laboratório, nós utilizamos o seguinte artifício: o **LEPAN** era **Laboratório** - portanto, um local de fazer a utilização de técnicas e práticas; **de Ensino** - ou seja, os estudantes que frequentavam a Graduação, teriam a oportunidade de vivenciar a prática do seu ensino, dentro do laboratório e em campo mesmo, trazendo o material, recolhendo o material em campo. **De Ensino e Pesquisa**, porque a ideia era dominar o ciclo completo e poder chegar naquilo que o professor Mentz Ribeiro, de alguma forma, nos estimulava, que era a produção do texto, ou seja, a comunicação, através de publicações, fato que, a gente, infelizmente – lá no início dos anos 1990 – estava com uma série de situações, que tornou impossível prosseguir, por isso que foi muito bem-vindo o professor Mentz Ribeiro.

17. Quais foram os projetos desenvolvidos no laboratório, durante o período que você esteve na coordenação do mesmo, incluindo o período em que ficou afastado, até 1994, quando entrou o professor Mentz Ribeiro? Quais foram as regiões que foram alvo de pesquisas?

José Carlos Ruivo: Primeiro, se fez algumas coletas superficiais nas *Areias Gordas*. Fomos lá duas vezes. O trajeto era muito complicado. Nós não tínhamos clareza da existência de sítios arqueológicos próximos e a gente só tinha conhecimento daquilo que o professor Guilherme Naue tinha publicado, não é? Que era o sítio envolvendo um grupo de caçadores-coletores, junto ao *Arroio Vieira*. Nós fomos lá, mas o material estava muito revolvido já, e não era possível a gente encontrar nada significativo. Fomos no **Clube dos caçadores**. E, graças aos estudantes — num final de semana eles saíram, perguntando para as pessoas, como o próprio professor Mentz Ribeiro havia dito, aonde tinha terra preta, aonde tinha elevação, aonde tinha acúmulo de cerâmica, um material parecido com telha - a gente descobriu o sítio **Fazenda Soares**, Juca Soares, não é? Uma ampla extensão de material - cerâmica Guarani, material belíssimo, cerâmica pintada — a gente nunca tinha visto. Ali era uma fonte privilegiada, uma área de mais ou menos, uns duzentos metros, no mínimo, de fragmentos espalhados. E, a partir dali, nós descobrimos um outro local, chamado **Morro do Índio**, conversando com as pessoas: “olha, tem um local, chamado *Morro do Índio*”, que ficava, digamos: [...] o sítio **Fazenda Soares** ficava próximo à lagoa, e o *Morro do Índio* mais atrás, numa elevação de dunas, que tinha junto ao sítio, *Fazenda da Picada*. Ali era, aquilo que a gente chamava de **Morro do Índio**. Segundo o que as populações diziam, naquela época. E, nesse mesmo tempo, a gente descobre o contato com o agricultor Ariano Souza. Ele nos mostra que o professor Guilherme Naue teria andado por ali, e aí, a gente perguntou para ele, “e onde o professor andava?” E aí, ele nos mostra essas pequenas elevações que tu encontra — várias delas em linha —, como se estivessem acompanhando a elevação da lagoa. Então a gente escolhe — a partir de uma noção clara de que havia uma sequência em linha, de sítios, em uma região mais elevada, que a gente imaginava serem sítios mais antigos; havia uma região intermediária, que a gente imaginava ser um pouco mais recente, comparando com aqueles que ficavam mais acima, e, naturalmente, uma terceira linha de sítios, muito próximos à beira da lagoa. Nós optamos por essa intermediária, porque era mais fácil, próxima da casa do seu Ariano. Enfim, a gente não tinha que roçar mato, sabe, era campo mesmo, ali. E começamos a fazer a pesquisa, colocamos o nosso foco, ali na **Barra Falsa**, que é onde fica o seu *Ariano Souza*. Posteriormente, em 1986, nós fizemos uma pesquisa, infelizmente a gente deu o único mapa que tínhamos, na esperança que fosse publicado, e não ficamos com cópia. Nós percorremos o **Canal do São Gonçalo**, de barco, desde a Lagoa Mirim, até próximo à Barragem. E a gente ia conversando com as populações e, naturalmente, onde havia “ruínas”, a gente parava, e era muito comum encontrar um ou outro fragmento de cerâmica, mas nós não fizemos nenhuma coleta específica; a ideia era a identificação desses locais, para posterior pesquisa, coisa que nunca veio a acontecer.

18. O que realmente aconteceu com o mapa enviado à publicação?

José Carlos Ruivo: Nós conseguimos mapas do Exército, onde fizemos várias marcações - Eu não sei se esses mapas, ou essas marcações não tenham ficado no LEPAN. A gente conseguiu sensibilizar a Reitoria — o que na época era muito difícil —, e tinha que sensibilizar o Exército a nos permitir a aquisição desses mapas. E aí, então, de posse desse material, a gente tinha o mapeamento do interior do nosso município, e mesmo arredores daqui. Baseado nisso, marcamos esses sítios, mas não tenho nada que pudesse identificar, porque a nossa desconfiança era a seguinte: como havia uma concentração da pesquisa junto à Lagoa dos

Patos, a gente tinha muita vontade de saber — e o outro lado, junto ao *Canal de São Gonçalo*? Os índios deveriam ter ocupado aquela região, também. Então, a gente não tinha nenhum tipo de informação.

19. *E na sequência, foram feitas pesquisas em outras regiões, ou ficou basicamente concentrado aí?*

José Carlos Ruivo: Não. Foi nessa época que a gente se volta para fazer Antropologia na UFRGS, e mais adiante, a gente se envolve com o trabalho de pretender reativar o LEPAN, aí sob a nossa orientação. Então, quando a gente retornou da UFRGS, inclusive nos envolvendo com Arqueologia, aí vêm os acidentes, as dificuldades de levar adiante a elaboração de projetos, tudo isso pra mim, morte na família, me tumultuou muito a vida, e eu dei “Graças à Deus”, quando o Mentz Ribeiro chegou. Eu disse: “Bom, não vai morrer”, porque essa era a minha preocupação.

20. *Como ocorreu a transição do laboratório para o professor Mentz Ribeiro e o ingresso dele na FURG?*

José Carlos Ruivo: O professor Mentz Ribeiro ele é convidado, participa de um concurso e é integrado aqui, como professor da FURG. De imediato, ele assume algumas disciplinas, como *Introdução à Arqueologia*, que eu lecionava; *Pré-História* e, a partir daí, se não me engano, ele cria mais uma outra disciplina, não sei se é *Arqueologia da Antiguidade*, uma coisa assim, eu não recordo exatamente. Porque, aí, eu procurei me afastar, para não estar fazendo essas disputas, que são muito peculiares de egos. Então, o professor Mentz Ribeiro ficou como quem iluminava o LEPAN e seguiu em frente.

21. *Transcendendo, um pouco, a tua carreira acadêmica na FURG, podes falar um pouco sobre as tuas pesquisas, após a desvinculação do LEPAN? Quais foram os temas que tu pesquisou depois? Eu acho extremamente importante tu falar sobre isso aí.*

José Carlos Ruivo: Primeiro, um aspecto que, só com o tempo eu fui me dando conta, não é? Eu não tenho dúvidas de me reconhecer como iniciador. Eu tive oportunidade de, junto com outros colegas, dar origem ao curso de *Bacharelado em História*. Primeiro, consolidar a *História*, como curso. Ela tinha sido criada como curso de *Estudos Sociais* — Licenciatura curta, e depois *História* — Licenciatura plena. Então, a gente consolidou, por parte do corpo docente, o curso de *História* como uma coisa íntegra. Criamos o Bacharelado em História. Aí ficamos com a *Licenciatura em História* e criamos o *Bacharelado em História*, naturalmente junto com outros colegas, participamos da criação, melhor dizendo. Lecionamos no curso de *Geografia*; ajudamos, como membro do corpo docente na área de *Antropologia*, o curso de *Psicologia*; no curso de *Educação Física* também lecionamos na área de *Antropologia* e, para nossa felicidade, quando foi criado o curso de *Arqueologia*, nós nos desvinculamos da *História* e passamos para a *Arqueologia* e, ali, lecionamos durante esses últimos anos na Universidade - eu acho que desde 2006, ou 2007 -, lecionamos *História e Cultura Afro-Brasileira*. Para nós foi, uma experiência muito rica, porque a gente pode, enfim, ajudar numa expansão da

Universidade. Então, eu nunca me vi como um pesquisador. Na realidade, a minha formação é Licenciatura. Eu sou um professor, então, eu atuei muito mais como um professor. Na realidade, eu provoquei nos meus estudantes, pretendendo inclusive trazer bibliografia e comportamento mais criterioso, no sentido de desenvolver a pesquisa. Então, eu orientava os trabalhos, os exercícios de pesquisa deles. Publicações, eu fiz muito poucas - acredito que menos de cinco, sabe? — envolvendo uma contribuição da História na Ilha dos Marinheiros — pegando desde a antiguidade remota, que a gente chamava de Pré-História, até o final do século XIX. Depois, andamos escrevendo sobre uma proposta — no início da década passada — de programa para as disciplinas de *História e Cultura Afro-Brasileira*, e *História da África*, que eu lectionei, durante muitos anos. Mas nunca me tive como um pesquisador, mas mais como uma pessoa que estimulava os estudantes a escrever, a pesquisar e a desenvolver um espírito crítico, especificamente voltado para uma pós-graduação, mestrado [...]. Essa *História e Cultura Afro-Brasileira* é o desdobramento da união daquilo que eu venho construindo, durante anos. Uma perspectiva antropológica da *História Africana*, da *História dos Africanos no Brasil*, e uma perspectiva ligada à *Cultura Afro-Brasileira*. Então, logo que se pretendeu criar o curso, eu propus *História e Cultura Afro-Brasileira* e elaborei o programa. Provavelmente ele deve ter recebido modificações, mas, com certeza, foi um marco muito importante, até porque, era muito comum os estudantes ficarem surpresos, na década de 1990: “mas existe História da África”, no curso de História da FURG? Desde os anos 1980, a gente lecionava, mas nunca chegamos a fazer pesquisa. O que para mim, foi uma coisa muito dura, porque, quando eu me envolvi com a *História e Cultura Afro-Brasileira*, eu tive a oportunidade de me aproximar de Pais e Mães-de-Santo, aqui na cidade do Rio Grande e participar de algo que foi marcante na minha vida pessoal: o *Primeiro Encontro de Comunidades de Terreiro*, em nível nacional. Eu pude perceber como nós somos preconceituosos. A gente tem um preconceito incrível, a gente não enxerga coisas, a gente não consegue perceber. E isso mostra que eu não era “extraterrestre”. Eu fazia parte do povo e tinha as mesmas viseiras, que me atrapalharam muito de avançar nestas leituras sobre a nossa cultura afro-brasileira local.

Entrevista realizada em Rio Grande, RS, em 2017.

Degração/edição: Washington Ferreira

Revisão/edição: Liliane dos Santos Vieira